

E-mails: um passeio pela tecnologia digital

Sílvia Ferreira Astoni*
Simone de Paula Santos Mendes*

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de mostrar a relação entre a tecnologia da Internet e a linguagem utilizada em *e-mails* de foro íntimo, com a finalidade de compreender o funcionamento desse gênero que criou uma nova forma de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais.

Palavras-chave: *E-mails*; Tecnologia digital; Gênero textual; Comunicação eletrônica.

Neste artigo procuraremos identificar em 25 *e-mails* de cunho pessoal, recolhidos no período de maio a novembro de 2002, características que os constituam como novo gênero textual emergente do contexto da tecnologia digital. Para tanto, investigaremos a relação entre a tecnologia da Internet e a linguagem utilizada nesses *e-mails*, com a finalidade de compreender o funcionamento desses textos, que criaram uma nova forma de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais, visto que “(...) o ambiente virtual é extremamente versátil e hoje compete, em importância, nas atividades comunicativas, ao lado do papel e do som” (MARCUSCHI, 2002, p. 1). Ressaltamos, ainda, que é de grande importância para nós, “futuros”

* Alunas do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

professores e já pesquisadores, entendermos o funcionamento de textos que estão sendo utilizados, cada vez mais, como prática comunicativa, não só por nós mesmos, em atividades cotidianas, mas também e principalmente por crianças e jovens, nossos “futuros” alunos.¹ Além disso, constitui também nosso interesse entender e desvendar algumas polêmicas acerca da configuração do gênero *e-mail*, visto que esses textos não nos parecem totalmente inéditos, pois podemos notar, em sua estrutura funcional, traços provenientes de gêneros já conhecidos entre as práticas sociais de nossa sociedade, como as cartas pessoais, os bilhetes, os telefonemas e a conversação espontânea.

NOVAS TECNOLOGIAS, NOVOS GÊNEROS

Ao considerar os *e-mails* como um gênero emergente, devemos, antes de tudo, repensar os enquadres e conceitos teóricos a respeito das categorias ‘texto e gênero textual’, ao mesmo tempo em que poderemos compreender suas relações com o surgimento de novos meios tecnológicos, como é o caso do computador e da Internet.

Segundo Bronckart, (1999) “texto é toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação) (p. 75)”. Dizendo de outra forma, os textos funcionam como mediadores interativos, criando espaços entre os interlocutores, em que são trocados: pontos de vista, idéias, atitudes, enfim, discursos crivados de intenções e que visam a um objetivo único, o de agir sobre os demais. É por meio dessas trocas socialmente estabelecidas que nos constituímos enquanto sujeitos capazes de interagir com os outros em diversas situações comunicativas.

Além das trocas dialógicas com o outro, realizamos trocas também com o mundo, que se dão na medida em que deparamos com discurs-

¹ Sabemos que o desenvolvimento de uma “competência comunicativa” está ligado diretamente ao domínio dos diferentes gêneros textuais que circulam em nossa sociedade.

so já existentes, construídos historicamente e socialmente por outros sujeitos, ou seja, os gêneros textuais que circulam em uma mesma comunidade, auxiliando-nos no reconhecimento e na adaptação ao contexto cultural em que estamos inseridos, como afirma Bakhtin (1992):

Se os gêneros não existissem e se não os dominássemos, e se nos fosse necessário criá-los pela primeira vez no processo da fala, se nos fosse necessário construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria quase impossível. (p. 285)

Visto que a constituição dos gêneros está diretamente vinculada às motivações sociais, não se pode desconsiderar o aparecimento de novas circunstâncias de comunicação ou de novos meios de comunicação que atingem diretamente as relações sociais, como afirma Assis (2002), principalmente no que se refere às novas tecnologias. Isso porque, como diz Marcuschi (*apud* ASSIS, 2002, p. 94): “Uma tecnologia projeta estratégias de textualização, gera um novo gênero e subverte, até certo ponto, cânones bem estabelecidos no processo de construção textual”.

Sendo assim, ainda na visão de Marcuschi (2002):

Se tomarmos o gênero como texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido. Em suma, criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais nesse novo enquadre participativo, isto é, não é propriamente a estrutura que se reorganiza, mas o enquadre que forma a noção do gênero. Muda o gênero. (p. 4)

Não sem razão, o advento da Internet deve ser tomado como principal responsável pelo surgimento de novos gêneros, como o *e-mail*, uma vez que está transformando as noções de tempo e espaço, revolucionando a interação humana e influenciando no comportamento e na visão de mundo das pessoas.

E-MAIL: NOVA TECNOLOGIA, NOVO GÊNERO

A concepção discursiva dos *e-mails* centra-se na escrita, o que equivaleria dizer, partindo de uma visão tradicional, que esse “escrever” ou simplesmente “teclar” funda-se na distância entre os interlocutores, seja no espaço (contexto situacional), seja no tempo (assincronia), o que aproxima a configuração do *e-mail* da configuração de outros textos conhecidos, como a carta, por exemplo. Contudo, apesar dos interlocutores valerem-se da escrita, os textos podem trazer características observadas até então em textos orais, como a troca de turnos, a “economia lexical”, etc., produzidos, por exemplo, numa conversação espontânea, cuja concepção funda-se na sincronia e na co-presença de seus participantes.

Não obstante essa peculiaridade, devemos observar que os fenômenos lingüísticos observados na utilização dos *e-mails* não podem ser considerados como caracterizadores de uma nova modalidade da língua, mas sim como uma nova forma de uso da língua, em que vão sendo desconstruídas e repensadas as relações de uso da mesma. Em outras palavras, o que ocorre é uma reorganização de práticas sociais já semiotizadas e atualizadas pelos falantes, através de um novo meio tecnológico, cuja comunicação tem traços de gêneros tradicionais, como as cartas, mas também traz elementos novos, em especial, na relação com a oralidade, como a conversação espontânea. Como afirma Jonsen (*apud* MARCUSCHI, 2002, p. 22):

Os *e-mails* não se conformam aos domínios tradicionais do discurso oral e escrito, mas transgridem constantemente os limites entre os dois. Assim, pode-se dizer que o *e-mail* cria seu próprio domínio de discurso no território da comunicação.

OS *E-MAILS* E A ECONOMIA LEXICAL

Ao redigir e enviar um *e-mail*, podemos observar que o indivíduo imprime a sua escrita estratégias que normalmente utilizaria numa

conversação espontânea, isto é, elementos partilhados em uma prática oral semiotizada e adaptada ao meio tecnológico. Dessa forma, observando os *e-mails*, podemos notar a produção de enunciados mais curtos e o uso, por parte dos usuários experientes na prática social, de uma espécie de “código lingüístico”,² cheio de abreviações e reduções de palavras, que se assemelham ao uso de gírias, o que contribui para a redução no tamanho das frases, criando uma escrita mais amigável, descontraída e mais próxima da fala. Há de se considerar, ainda, uma despreocupação com as correções ortográficas, caracterizando uma espécie de transposição da oralidade na escrita.

Entretanto, é importante salientar que essa economia lexical também está ligada às próprias condições/restrições impostas pela tecnologia da Internet. Primeiramente, pela preocupação com uma certa agilidade e eficiência, visto que a Internet veio atender a uma demanda histórica e social, representada pela necessidade de meios rápidos e fáceis de comunicação. E, finalmente, por fatores ligados a possíveis quebras de conexão e outros problemas advindos do próprio funcionamento da máquina.

Além disso, é claro que, no que tange a aspectos formais, o *e-mail* pode ser previamente planejado e elaborado, recebendo um cuidado maior, seja do ponto de vista ortográfico, seja nas escolhas lexicais. Porém, o que vai determinar essa postura é o grau de envolvimento e de hierarquia existentes entre os papéis sociais participantes da interlocução, além dos temas e assuntos que serão tratados na comunicação. Por exemplo, se o *e-mail* é enviado de um aluno para seu profes-

² Sobre esse código, além das abreviações, como, por exemplo “vc”, no lugar de “você”, podemos citar, de acordo com JONSSON, (1997) e DAVID & BREWER, (1997) (*apud* SOUZA, 2001), os *emoticons*, ou símbolos que visam à reprodução de expressões faciais; a repetição de sinais de pontuação, tais como o ponto de exclamação, que visam indicar atitudes, emoções; a digitação de palavras ou fragmentos de textos em caixa alta; o uso de parênteses para inserir na fala comentários e avaliações, o uso de minúsculas, depois de ponto e no início do texto, conotando informalidade, etc.

sor, ou mesmo de um funcionário para seu chefe, é esperado que haja uma menor economia lexical e uma maior preocupação estrutural/social, podendo ser observadas características semelhantes a estruturas presentes em gêneros epistolares do meio institucional, como, por exemplo, características da abertura: “Caro Fulano” ou “Prezado Fulano”; e características do fechamento: “atenciosamente” ou “cordialmente”. A exemplo disso, vejamos os *e-mails* a seguir:

Exemplo (1):

De: Cristina Para: Adelaide Data: 04/09/2001 14:47 Assunto: orientação
Professora Adelaide, Estou precisando informar-me sobre o encontro desta semana. Se houver, quais são as indicações para leitura? Atenciosamente, Cristina

Exemplo (2):

De: Adelaide Para: Cristina Data: 04/09/2001 16:01 Assunto: Re: orientação Arquivos Anexos: Ironia e humanismo em contos de Guimarães Rosa.doc (36436 bytes):
Cristina, esta semana não haverá reunião, pq estou viajando para um congresso em Santa Maria, no RGSul. Você podia começar a preparar-se para a semana que vem, lendo os contos de que eu falo no trabalho que envio em anexo. Como haverá tempo, peço que você leia 3 vezes cada conto (que está nas referências bibliográficas), pense sobre eles e só depois leia o trabalho. Ok? Abraço, Adelaide

Nos exemplos (1) e (2), podemos observar que, ao iniciar sua mensagem com a saudação “Professora Adelaide”³ e ao finalizá-la com o vocábulo “atenciosamente”, o locutor passa a assumir/projetar papéis sociais que obedecem a um grau de hierarquia instaurado nas relações entre professor e aluno ou orientador e orientando. Desse modo, o papel social pode, e o faz na maioria das vezes, influenciar na dimensão estrutural do texto a ser produzido, conferindo-lhe maior ou menor “tom” de polidez, educação, etc. Contudo, vale ressaltar que não estamos querendo dizer que toda interação professor/aluno seja marcada com um excesso de preocupação formal, pois sabemos que isso vai depender do grau de intimidade existente entre os envolvidos. Voltando aos exemplos acima, vemos que, no exemplo (1), mensagem do aluno para o professor, a despeito de algumas reduções e abreviações a que o texto foi sujeito, há uma maior preocupação do locutor com a estrutura formal da mensagem, uma vez que opta por utilizações do tipo “estou” e refuta, por outro lado, reduções do tipo “tô” ou ainda faz uso de pronome em forma de ênclise, segundo o exemplo “informar-me”, que se configura como uma expressão típica do ponto de vista da norma culta, por exemplo.

Por outro lado, se observarmos a mensagem do exemplo (2), resposta do professor ao aluno, veremos que, apesar de o texto assumir também uma estrutura mais formal, há, na utilização da abreviação “pq” no lugar do vocábulo “porque”, algo que se distancia do restante do texto. Entretanto, torna-se necessário uma maior observação desse tipo de fenômeno para avaliar se essa transgressão ocorre em função de um maior grau de intimidade do locutor para com seu destinatário ou se ocorre em função da imagem/conhecimento que o locutor tem do gênero e da tecnologia⁴ em questão.

³ Todos os 6 exemplos deste trabalho trazem nomes fictícios, que foram modificados para preservar a identidade de seus reais interlocutores.

⁴ Quanto à tecnologia, devemos levar em conta as restrições impostas pelo meio, como a quebra inesperada de conexão, que poderia dificultar uma maior elaboração do texto. Contudo, deve-se considerar a possibilidade de se “burlar” essas

OS E-MAILS E A INSTANTANEIDADE

Ainda em relação às mensagens previamente elaboradas, deve-se considerar também que, um “cuidado” maior com a escrita pode demandar um tempo maior de confecção do *e-mail*, fato este que consequentemente também demanda um tempo maior para o envio, o que aproximaria os *e-mails* das características de uma carta convencional, que geralmente leva três dias para chegar a seu destinatário. Quanto a este último aspecto, há de se considerar que mesmo se as mensagens não forem previamente elaboradas, elas podem ficar armazenadas por tempo indefinido, por falta de tempo do interlocutor para ler e responder a elas, o que aproxima a prática de uso dos *e-mails* à prática usual de envio e recepção de cartas pelo correio.

Porém, apesar desse tempo maior de envio das mensagens, o que se nota é que as mensagens geralmente são trocadas rapidamente, como podemos observar nos *e-mails* abaixo:

Exemplo (3):

Carolina escreveu:

Data: 29/05/02 14:43 De: Carolina Maia Para: Amanda Assunto: Telefonema
--

Ma, To tentando ligar procê. Não consegui. Trimm trimmm e ninguém atende. O cel só dá ocupado. Por onde andas menina???? Dê notícias.

Bjinhos Carol

restrições, já que o computador oferece a chance de escrever previamente uma mensagem, no editor de texto *Word* ou em outros programas, antes mesmo da conexão, para depois copiar e colar essa mesma mensagem no *e-mail* a ser enviado. Há também a possibilidade oferecida pelo *software* de salvar, em uma pasta específica para rascunhos, a mensagem confeccionada no *e-mail*.

Exemplo (4):

Amanda respondeu:

Data: 29/05/02 14:59 De: Amanda Silva Para: Carolina Maia Assunto: Tô sem tel...
Carol, O tel aqui de casa deu pau... esqueci o cel na casa do João... de noite passo aí. Beijos Amanda

Comparando os cabeçalhos dos exemplos (3) e (4), podemos notar a curta distância temporal ou quase “instantaneidade” que separa os exemplos, já que ambos foram enviados e recebidos no mesmo dia e em horários bem próximos, o que aproxima o gênero em questão de outros gêneros, tais como a conversação, seja ela por meio do telefone ou face a face e o bilhete, em situações localizadas como quando alguém se comunica com outro alguém (via bilhete) em uma sala de aula, por exemplo.

É fato que essa quase “instantaneidade” também se deve às condições/restrições do meio tecnológico já citadas anteriormente. Entretanto, essa agilidade no envio do *e-mail* não pode ser observada nas cartas comuns, que devem obedecer ao tempo normal de postagem e entrega, ditado pelos Correios, peculiaridade esta que afasta os *e-mails* de gêneros como a carta pessoal. Há ainda uma outra peculiaridade funcional dos *e-mails*, que é a possibilidade de um interlocutor poder enviar uma mensagem, simultaneamente, para vários interlocutores (postagem cruzada). Quanto a essa variação, Marcuschi (2002, p. 21) esclarece que ela “não traz grandes conseqüências para a natureza dos textos quanto a sua estrutura, mas pode interferir nas escolhas lingüísticas, como no caso de uma carta pessoal a um amigo ou uma circular a toda uma comunidade”.

Ainda com relação aos exemplos acima, no que tange aos aspectos provenientes de gêneros ligados à modalidade oral da língua, podemos observar a utilização de orações curtas e absolutas, um abuso de abreviações e reduções de palavras, tais como: “tô”, “cel”, “bjinhos”, “procê”, o que representa, como já visto, uma série de estratégias de que se serve o locutor para, dentre outras coisas, trazer economia, praticidade e aumento do grau de intimidade para com o locutor.

OS E-MAILS E AS COLAGENS

Outra característica do *e-mail*, que também o aproxima da dinâmica de alternância de turnos, é a possibilidade de se responder a uma mensagem no próprio *e-mail* recebido, fato propiciado pela escolha da função “responder” (*reply*), ou mesmo utilizando o recurso copiar/colar, na confecção de uma nova mensagem. Além da rapidez proporcionada, essa função permite a possibilidade do uso de “colagens”, vistas por Assis (2002, p. 212) como “reprodução de trechos da mensagem a que se responde ou mesmo de sua versão integral, em que se intercalam as intervenções do produtor”. Essas colagens⁵ também constituem uma característica nova em relação aos *e-mails* e também se assemelham a práticas orais, como na conversação espontânea, em que nos aproveitamos da fala alheia, retomando ou recuperando informações e mesmo “falas” do outro, fazendo retificações ou correções, que funcionam como estratégias propiciadoras e facilitadoras do discurso. É o que podemos observar nos *e-mails* seguintes:

⁵ Sobre isso, ASSIS (2002, p. 213) cita o estudo de MONSERRAT (2001), que acredita que o locutor reproduz a voz do interlocutor em seu discurso em interações tanto síncronas como assíncronas, porém com funções distintas. Essas reproduções são nomeadas por ROULET (1985) como “representações diafônicas” e, na visão de MONSERRAT, nas interações face a face, representam a negociação entre os interlocutores, sendo não só uma demarcação da opinião de quem escreve, como também uma expressão de cortesia de quem responde.

Exemplo (5):

<p>Data: 02/11/02 23:15 De: Duda Para: Márcia Assunto: Lembra-se de mim?</p>
<p>Olá, Márcia!!! Lembra-se de mim? Acho que desde o mês de agosto que não trocamos e-mail. Espero encontrá-la feliz, apesar da imensa quantidade de trabalho e do "stress" de final de ano... Mas ainda bem que logo as coisas se acalmam, não é mesmo? Espero que ainda queira me conhecer pessoalmente... Eu gostaria muito... Nos meses de Dezembro e Janeiro me encontrarei disponível nos finais de semana... Quem sabe você encontre um tempinho para mim... Quanto a São Tomé das Letras, ando pesquisando os cursos que são oferecidos na Fundação Harmonia e me interesso em fazer ou o de Alquimia ou o de Reich. Já fez algum destes? Gostou? Espero notícias suas. Ficarei contente em saber das novidades... Abraços... Duda</p>

Exemplo (6):

<p>Data: 05/11/02 10:25 De: Márcia Para: Duda Assunto: Re: Lembra-se de mim?</p>
<p>Olá, Márcia!! Lembra-se de mim? Acho que desde o mês de agosto que não trocamos e-mail. Espero encontrá-la feliz, apesar da imensa quantidade de trabalho e do "stress" de final de ano... Mas ainda bem que logo as coisas se acalmam, não é mesmo?</p>
<p>Olá Duda, realmente estou um pouco estressada, e também ansiosa, pois aguardo algumas respostas no mês de dezembro que irão agitar minha vida no ano que vem... me desculpe por não ter escrito mais... andei meio sem tempo! Tô até fazendo acupuntura para aliviar a correria... Espero que ainda queira me conhecer pessoalmente... Eu gostaria muito... Nos meses de Dezembro e Janeiro me encontrarei disponível nos finais de</p>

semana... Quem sabe você encontre um tempinho para mim...
Isso também poderá depender das respostas que aguardo... depois te conto com mais calma...
Quanto a São Tomé das Letras, ando pesquisando os cursos que são oferecidos na Fundação Harmonia e me interessei em fazer ou o de Alquimia ou o de Reich. Já fez algum destes? Gostou?
Fiz o de Alquimia... etapa um e dois... gostei muito. Porém, o caminho do conhecimento requer muitas batalhas internas e muitas renúncias. Não sei se estou preparada. Por falar em batalhas, estou lendo um livro que você já deve ter lido: "Paulo e Estevão", do Emmanuel. Devo dizer que é a coisa mais linda que já vi na minha vida!
Espero notícias suas. Ficarei contente em saber das novidades...
Abraços...
Duda
Espero poder escrever em breve... Abraços...
Márcia

Nesses dois exemplos, podemos observar que Márcia utilizou-se do texto enviado por Duda, o que lhe proporcionou agilidade na resposta e também serviu de estratégia de aproximação e preservação de seu envolvimento com seu interlocutor, além de cortesia, ao demonstrar atenção à fala de seu amigo. Marta também utilizou-se do recurso gráfico "negrito", presente no computador, para demarcar bem sua fala.

Quanto à temática dos exemplos, podemos notar a presença de mais de um assunto, o que foge um pouco a um padrão mais comum das mensagens dos *e-mails*. Segundo Assis (2002, p. 217), os *e-mails* costumam não apresentar variação tópica, "diferentemente do que ocorre com as cartas interpessoais, em que a variedade de temáticas sobre as quais se discorre é uma de suas características".

Além da variação tópica, "que funciona sobretudo como estratégia de estabelecimento de contato", aproximando os exemplos (5) e (6) das cartas íntimas, nestes *e-mails*, podemos notar também outras características próprias que foram "absorvidas" das práticas epistolares,⁶ como a presença de uma abertura ou saudação típica ("Olá Mar-

⁶ Quanto às características pragmáticas, ambos compartilham uma certa regularidade, pois são trocados entre pessoas conhecidas, o que faz das cartas anônimas e de possíveis *e-mails* anônimos "contravenções" dessas práticas sociais.

ta”), uma mensagem propriamente dita, e um fechamento padrão (“Abraços, Duda”). É claro que isso não ocorre em todos os *e-mails*, pois, como já exposto, o grau de envolvimento e compartilhamento dos interlocutores pode dispensar certos padrões, bem como a agilidade impressa pela tecnologia.

E-MAILS E A TECNOLOGIA: O CABEÇALHO EM FUNÇÃO DA AGILIDADE

As informações trazidas pelos cabeçalhos observados nos exemplos anteriores se assemelham às informações trazidas pelas cartas, que também possuem um remetente e um destinatário bem sinalizados, apesar de variar a forma e o local da sinalização, bem como uma mensagem propriamente dita. Entretanto, a tecnologia do *software* promove a inserção automática de alguns elementos, o que não ocorre nas cartas e possibilita uma grande praticidade e agilidade ao *e-mail*, como a data e o horário, o endereço de quem vai enviar a mensagem e mesmo o endereço de quem irá recebê-la, o que pode ser propiciado tanto pela consulta da agenda de contatos, como pela função “responder” ao *e-mail* recebido. Outra característica que imprime agilidade aos *e-mails* é o item “assunto”, que cumpre um papel de extrema importância, juntamente com as demais informações do cabeçalho. Isso porque, de acordo com estudos de Assis (2002, p. 204): “Quando alguém recebe mensagens de correio eletrônico, as informações⁷ contidas na ‘caixa de entrada’ – remetente, assunto, data e horário de envio, indicação da presença de arquivo anexo e, muitas vezes, da prioridade da mensagem – são importantes para que este se situe com relação à mensagem recebida”, tomando decisões como “abrir a mensagem rapidamente, postergar sua leitura ou até mesmo excluí-la sem abrir (id., p. 204)”. É claro que as cartas, como cita Assis: “Também trazem informações contidas no envelope, que podem fornecer dados

⁷ Essas informações também aparecem no cabeçalho do *e-mail*.

contextuais sobre a correspondência, como: tipo de envelope, carimbo do correio, logomarca de empresas, dados do remetente, etc.” (id., p. 204). Porém, nos *e-mails*, essa pré-identificação de dados ocorre de maneira mais ágil e eficaz, visto que o preenchimento do item “assunto” já implica, para a maioria dos usuários da Internet, uma referência ao tema que realmente será tratado na mensagem, facilitando as decisões de seu interlocutor.

E-MAIL: UM GÊNERO NO MEIO DO CAMINHO

A despeito do que observamos, concluímos que a tecnologia tem um grande poder, que subverte conceitos e formas de uso da língua, contudo não cria uma nova modalidade da língua. O que ocorre é uma fusão, uma mescla de traços conceptuais e peculiaridades lingüísticas advindos das modalidades oral e escrita, o que nos faz classificar o *e-mail* como um “gênero híbrido”, que se situa entre a formalidade da carta e a informalidade da conversação.

Há que se considerar ainda que o *e-mail* também é um gênero que requer muita atenção ao ser estudado, já que a natureza tecnológica que o norteia pode modificá-lo com grande rapidez, o que subverteria novamente conceitos e formas estudados até aqui.

ABSTRACT

This article has the aim to show the relation between Internet technology and the language used in personal e-mails, in order to comprehend how this genre works, once it has created a new way to organize and administrate personal “relationships”.

Key words: E-mails; Digital technology; Textual gender; Electronic communication.

Referências

- ASSIS, Juliana Alves. **Explicitação/implicação no “e-mail” e na mensagem em secretária eletrônica: contribuições para o estudo das relações oralidade/escrita.** 2002. 273 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – FALE – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão.** São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 4, 2000, p. 57-58.
- BRONCKART, Jean-Paul. O texto e seu estatuto: considerações teóricas, metodológicas e didáticas. In: **Atividades de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo.** São Paulo: Educ, 1999.
- CRYSTAL, David. **Language and the Internet.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DAVID, Boyd H.; BREWER, Jeutonne P. **Electronic discourse linguistic individuals in virtual space.** Albany: State University of New York Press, 1997.
- FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Diálogos com Bakhtin.** Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- JONSSON, Ewa. **Electronic discourse. On speech and writing on the Internet.** Luleå University of Technology. Department of Communication and Languages. Disponível em: <[http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/Electronic Discourse.html](http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/Electronic%20Discourse.html)> Acesso em: 5 out. 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital. In: GEL – GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. USP – Universidade de São Paulo, 23-25 de maio, 2002, 41 p.
- MONSERRAT, Janina Espuny. El contenido del interlocutor cuando se le toma la palabra, y otras funciones de la diafonía en el cara a cara. In: MARI, H. *et al.* (Org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. p. 289-312.
- ROULET, E. *et al.* (Org.). **L'articulation du discours en français contemporain.** Berne: Peter Lang, 1985.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. Gênero discursivo e tipo textual. In: *Scripta*. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, 1. sem. 1999.

SOUZA, Ricardo Augusto de. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.